

O MUSEU ETNOGRÁFICO DE DUBROVNIK (RUPE ETNOGRAFSKI)

Sérgio Lira

slira@ufp.pt

RESUMO

Neste texto, e seguindo a linha de publicação que a *Antropológicas* mantém desde o seu primeiro número, apresentamos um dos museus da cidade de Dubrovnik - o Rupe Etnografski. Trata-se, como nome indica, de um museu dedicado à etnografia da região e croata, instalado num edifício histórico da cidade. Ao longo do texto anotamos os aspectos mais importantes relativos às colecções e ao discurso museológico e museográfico que esta instituição nos apresenta.

O nome da cidade de Dubrovnik evoca, provavelmente para muitos, um paradoxo: local excepcional de lazer, nas margens do apetecível e solarengo Mediterrâneo oriental, e guerra, no sentido mais objecto do termo, quando populações civis e património cultural são sistematicamente destruídos em nome de um grande nada. Para quem visitar, hoje, Dubrovnik estas duas realidades parecem indistinguíveis. Os grandes barcos de luxo despejam centenas de turistas, regularmente, na cidade; o aeroporto traz milhares de pessoas, em vagas sincopadas pelo aterrar dos aviões; as excursões de camioneta e os turistas individuais fazem o resto da coluna, transformando a cidade numa Babel de línguas, típica dos locais turísticos atractivos e na moda. O mar, o céu, as cores, os restaurantes, tudo indica férias e gozo de ócio. Mas um olhar atento descobre nas pedras das calçadas e das ruas, em algumas fachadas, nas empenas dos prédios, nos telhados reconstruídos de fresco, os sinais da guerra dos inícios da década de 1990; cicatrizes de bombas e de estilhaços, marcas de incêndios e de mortes, que os habitantes de Dubrovnik, aqui e ali, evocam com fotografias afixadas nos prédios, mostrando como ficaram depois dos bombardeamentos. À entrada da cidade, nas portas das muralhas, há placardes que apresentam a planta da cidade, assinalando os locais atingidos e destruídos... num relance se percebe que pouco escapou à cegueira das bombas.

Dubrovnik tem, neste momento, uma oferta turística que pretende ser diversificada: as praias, evidentemente, a própria cidade, com as suas muralhas dos séculos XIII e XV – que se podem visitar, dando a volta completa à cidade velha – as ruas e ruelas com as suas inúmeras lojas e restaurantes, os monumentos e algumas instituições museológicas. Dubrovnik é, aliás, o local de realização do *The Best in Heritage*, onde os mais

relevantes prémios de museologia e património são apresentados numa sessão anual. De entre os museus de Dubrovnik o que parece indicado para uma visita que pretenda colher informação sobre a Croácia é o Museu Etnográfico (Rupe Etnografski).

Para se compreender a escolha da localização deste museu, e do seu edifício, é fundamental uma breve resenha da história da cidade, e das suas principais épocas de desenvolvimento. Situada na parte Sul da Dalmácia, e actualmente com cerca de 50.000 habitantes, Dubrovnik conta com uma longa história de ocupação humana, mercê das excelentes condições de fixação que esta zona da costa oferece. Desde o século VII que esta baía é entreposto comercial, beneficiando por largo tempo da protecção de Bizâncio. Ao longo da Idade Média a sua posição estratégica entre o Leste e o Oeste, as condições naturais e a navegabilidade do Adriático transformaram a cidade num potentado, possuidor de uma frota significativa. As imponentes muralhas datam dessa época de grandeza e conseqüente necessidade de protecção. As Cruzadas trouxeram o poderio de Veneza, que perdurou dos inícios do século XIII a meados do seguinte, quando Dubrovnik se tornou um das províncias do Império Húngaro. Os séculos XV e XVI foram uma idade d'ouro para a cidade, com um progresso económico notável e a recuperação da independência em 1526. Os inícios do século XIX determinaram a perda desse estatuto, à mãos dos exércitos napoleónicos, tendo o Congresso de Viena (1815) entregue Dubrovnik ao Império Austro-Húngaro. O processo de independência da Croácia, nos inícios da década de 1990 fez regressar a guerra a Dubrovnik e nem a declaração de Património da Humanidade, que havia sido proferida em 1979, poupou a cidade e os seus habitantes a um duro bombardeamento e vasta destruição. A reconstrução ocorreu nos anos finais do século XX.

Parte dessa actividade de recuperação dos valores patrimoniais da cidade foi voltada especificamente para a reconstrução dos edifícios, dos monumentos e dos palácios. Um desses edifícios, emblemático para Dubrovnik, foi destinado a acolher o Museu que agora nos ocupa. Trata-se de uma edificação dos finais do século XVI, implantada na colina do lado Sul da cidade e destinada a recolher e a guardar cereal (fotos 1 e 2).

FOTO 1. CIDADE VELHA DE DUBROVNIK, VISTA DE LESTE PARA OESTE. A SETA INDICA O MUSEU.



FOTO 2. CIDADE VELHA DE DUBROVNIK, VISTA DE NORTE PARA SUL. A SETA INDICA O MUSEU.



Este silo havia sido erigido para proteger as reservas municipais de grão e constava de quinze vastos poços, escavados no solo rochoso. Foi considerado, com os seus três andares, capaz de acolher o vasto espólio etnográfico que o Museu mantém (foto 3).

FOTO 3. EDIFÍCIO DE TRÊS ANDARES DO MUSEU ETNOGRÁFICO DE DUBROVNIK (RUPE ETNOGRAFSKI).



Na adaptação a Museu, o piso térreo foi mantido com a sua aparência original e o visitante pode observar três dos poços de reserva de cereal. Nesse espaço térreo são montadas exposições temporárias e explicada a história do edifício, recorrendo a diverso material gráfico ilustrativo.

O Museu está regularmente aberto, excepto aos Domingos, entre as nove e as treze horas. A entrada é paga (35 kn, o equivalente a aproximadamente 5 euros). A visita divide-se pelos 3 andares, entremeada por extraordinárias vistas sobre a cidade, que se obtêm pelas janelas das escadas.

Após a visita ao andar térreo, onde o visitante compreende a história do edifício e um pouco da sua relação com a cidade, o segundo andar oferece uma viagem pela cultura material da região de Dubrovnik. Os aspectos etnográficos, no sentido mais comum do termo, estão aqui patentes, exibindo-se os utensílios, os objectos do quotidiano, as formas tradicionais de fazer – na agricultura, na pecuária, na vida doméstica, na alimentação... Deambulando pelas salas, o visitante pode aperceber-se de um mundo rural que se adivinha cada vez mais afastado do bulício citadino e cosmopolita de Dubrovnik.

Subindo ao segundo piso acede-se às salas onde estão expostas as peças que evocam a cultura imaterial e espiritual. Aqui encontramos as roupas tradicionais, de trabalho e de festa, a evocação dos costumes e das formas atávicas de fazer, objectos artísticos e simbólicos, peças que não exprimem o seu significado sem que se compreenda a cultura de onde provêm.

A visita termina obrigatoriamente pela descida das mesmas escadas de acesso. Nota-se a falta da (actualmente) tradicional “Loja do Museu”. Também se não vislumbra organização de serviços educativos ou de visitas acompanhadas. Pela informação que solicitámos, o museu conta, como pessoal qualificado, com um Director e um Curador.

O discurso museográfico está todo estruturado em volta daquilo a que se convencionou chamar na escola dos *Museum Studies* anglo-saxónicos “the real thing”. São os objectos materiais que fazem a exposição, remetendo directamente para os temas e tópicos que o discurso museológico pretende tratar. Os cenários em que essas peças surgem são três: a) o des-contexto da sala de museu, em que os objectos materiais estão depositados, quase se diria abandonados, à sua sorte; b) o enquadramento fotográfico, onde se mostram aplicações dos instrumentos ou dos objectos nos seus ambientes naturais; c) a recriação de espaços, mais ou menos conseguida, onde vários objectos são montados numa cena que pretende reproduzir um seu ambiente original, ou onde roupas são colocadas em manequins.

No que respeita ao primeiro caso, a técnica expositiva pretendeu evitar que o visitante tivesse a dita sensação de “abandono” das peças. Quase sem excepções, os objectos estão colocados em pequenos plintos, com cerca de quinze centímetros de desnível relativamente ao solo, criando zonas específicas de exposição, por contra-posição ao chão das salas (fotos 4 e 5).

FOTO 4. COZINHA DE CASA RURAL (1º ANDAR).



Por seu lado, as fotografias pretendem mostrar os contextos de utilização tradicional dos itens museografados, minorando a descontextualização própria do acto de transportar para o museu. Mostra-se o cenário natural, a paisagem, o ambiente agrícola, e deseja-se que o visitante faça a ligação entre os objectos expostos e esse cenário agrário de onde são provenientes (foto 4). Por vezes, aspectos específicos do uso de certas peças são apresentados em fotografias de pormenor, onde até as mãos do agricultor surgem, exemplificando a prática associada ao(s) objecto(s) em questão (foto 5).

Encontram-se expostos objectos que evidenciam uso anterior, de par com outros que parecem recém saídos das mãos do seu artífice. Nenhuma informação específica acerca da história da peça é fornecida, nem nenhum detalhe acerca da sua posse pretérita, ou de situações particulares. Todas as peças são, assim, exemplares representativos, que valem pelo universo que simbolizam e não por si próprias. O nível interpretativo é, desta forma, limitado exactamente à ideia de representatividade, de tipologia classificativa, de forma exemplar que ali está pelas inúmeras idênticas que não podem estar fisicamente. O arado, ou o cesto (foto 6) eram “assim” na região identificada no museu, num contexto cronológico relativamente vago.

FOTO 5. OBJECTOS RELACIONADOS COM A PRODUÇÃO DE AZEITE (1º ANDAR).



Na recriação de cenários, o Museu apenas coloca em presença e em relação espacial objectos que originalmente estariam relacionados. Nada confirma (ou contradiz) terem sido exactamente estes objectos a fazer parte do cenário recriado. Pelo contrário, é presumível que a cozinha, ou a sala, tenham sido recriadas a partir de acervos vários. O visitante não é confrontado com “a cozinha da casa da família X, da aldeia Z, como foi recuperada pelos serviços do Museu no ano Y” mas sim com “uma cozinha típica da região W”. E, mesmo assim, a preocupação não se centrou no rigor da reconstituição de um ambiente ou de um cenário realista; pelo contrário, o museu cria um vago cenário, que apenas serve para colocar em presença espacial os objectos daquele espaço doméstico (foto 6).

FOTO 6. ALFAIAS AGRÍCOLAS (1º ANDAR).



O trabalho museográfico que foi feito com as peças de pendor simbólico, como as roupas tradicionais, os adornos, os enfeites de casa e os materiais têxteis de uso doméstico aponta em duas direcções, semelhantes ao que temos vindo a observar: podemos encontrar peças expostas em vitrines clássicas, de várias dimensões e formatos, onde a peça vale por si, eventualmente acompanhada de uma muito breve explicação funcional; podemos também encontrar peças que foram montadas em manequins, exibindo o aspecto que teriam tido quando usadas por seres humanos. Há várias vitrines deste tipo, expondo trajes de ocasiões comuns de trabalho, de momentos festivos especiais ou de rituais específicos. O efeito conseguido é um “povoar” das salas com figuras sem rosto, que parecem olhar espectralmente os visitantes. Se esta impessoalidade dos manequins pode causar alguma estranheza e

comprometer, assim, o efeito pretendido, por outro lado a apresentação dos trajes em tamanho natural e em posições humanas parece ser a única forma de os dar a conhecer ao público (foto 7).

FOTO 7. TRAJES TRADICIONAIS (2º ANDAR).



No que respeita à legendagem, o museu conta com dois tipos únicos de legendas, empregues sempre do mesmo modo: legendas de grupo e legendas de peça. As primeiras apresentam alguma informação que pretende enquadrar conjuntos de

peças, e estão normalmente incluídas nos cenários produzidos com as fotografias (foto 4 e 5). O nível informativo é reduzido e o nível interpretativo muito escasso. As segundas identificam as peças, quase sempre de forma individual, apresentando o nome ou a designação da peça e uma breve informação da respectiva cronologia. Apesar da tradução para inglês auxiliar o visitante estrangeiro, a quantidade e a qualidade da informação disponível é muito escassa, ficando alguma sensação de haver nos acervos expostos um grande potencial museográfico e museológico por explorar (foto 8).

FOTO 8. LEGENDA DE PEÇA (2º ANDAR).



Em suma, o Museu Etnográfico de Dubrovnik é uma visita agradável, que permite um vislumbre do que seria (será) a realidade rural da região, mas que deixa uma sensação de que muito mais poderia ser feito com o material disponível. Na cidade onde se realiza o *The Best in Heritage*, que elege os melhores dos melhores exemplos mundiais em projectos museológicos e de património, temos a expectativa de encontrar unidades museológicas inovadoras, activas e atractivas... este museu é verdadeiramente etnográfico, num sentido que poderíamos empregar sem grande erro há meio século atrás. Não que isso seja, inevitavelmente, de criticar ou de considerar, sem mais, obsoleto; mas à luz de uma museologia e de uma museografia contemporâneas, as colecções do Rupe Etnografski poderiam contar outras histórias, tocando o visitante de formas mais eficientes.

Informação sumária disponível em linha em
[<http://www.mdc.hr/dubrovnik/eng/etnografski/index.html>]